

TEÓCRITO - O POETA DOS IDÍLIOS

Nilda Mascarenhas de Castro
Catedrática de Língua e
Literatura Grega da UFBA.

RESUMO

Foi Teócrito um dos maiores poetas gregos, não obstante ter vivido numa época pouco propícia à poesia, quando gramáticos ditavam normas limitadoras da criação literária. São muito reduzidas as notícias de sua vida. Foi um poeta versátil. Compôs idílios, ou seja, pequenos poemas, em gêneros diversos, dos quais os mais divulgados são os mimos bucólicos. Sofreu influência de poetas gregos mais antigos, sobretudo de Homero, Safo e Sófron. Não usou apenas o dialeto natal, mas seguiu o critério que ligava ao dialeto da cidade o gênero literário nela desenvolvido. Métrica variada. Sua inspiração mantém-se até nos poemas de louvor aos poderosos, dos quais esperava favores. A *Sirinx* ou *Flauta de Pã*, se autêntica, é o único poema que destoa do conjunto da obra teocriteia em razão do artificialismo intencional.

1 - O POETA

Teócrito de Siracusa, ou de Cós, é, sem contestação, o último grande poeta grego.

Viveu numa época — o período alexandrino — já não propícia à criação poética, ou pelo menos, em que a poesia se despoja de suas antigas características — simplicidade e espontaneidade — para exibir qualidades menores. Porque, perdida a independência política da Grécia, profunda metamorfose, como é natural, convulsionou a vida daquele povo que amava a liberdade acima de tudo. Era preciso, conseqüentemente pensar e sentir de modo a substituir os antigos ideais por outros que se ajustassem às circunstâncias adversas. Desaparecidas as condições sob as quais se revelaram as imortais produções do seu espírito, o grego procurou vencer a fatalidade histórica e transformá-la em fator positivo para a descoberta de novas facetas do seu gênio.

No entanto, esta ordem de cousas que tanto favoreceu o desenvolvimento das ciências experimentais, as pesquisas objetivas e a erudição em geral, não foi tão benéfica para a criatividade literária. A poesia, por sua vez, quedou-se restrita a uma elite cultural, perdendo o caráter popular que anteriormente a distinguiu. Eruditos prestigiados ditam, ou, antes, impõem gêneros literários e até normas poéticas que, segundo eles, são o que convém à época. Florescem os poetas filólogos, mais filólogos que poetas. Nesse ambiente de quase estrangulamento da poesia, surge Teócrito. Dotado de grande talento criador e sensibilidade incomum, mesmo aderindo aos novos cânones, sua poesia o distingue, consideravelmente, dos contemporâneos e, mais ainda, dos formais versejadores do período subsequente, a chamada fase romana da literatura grega.

Não obstante as qualidades personalíssimas que o levaram a vencer as limitações ambientais e o fizeram poeta, é ele uma autêntica figura do seu tempo, um legítimo representante das tendências da época, e sua obra é uma fonte de alexandrinismos.

Abraçou o movimento literário preconizado por Calímaco, o então árbitro das letras em Alexandria, cujos princípios doutrinários se condensam nestas palavras: "Um grande livro é um grande mal" e ainda, "nada digo que não se possa testemunhar" — que mostram a dimensão da sua natureza, para a qual a poesia era um exercício literário sujeito a limites de forma e conteúdo.

Entretanto, embora Teócrito, até certo ponto, se tenha feito arauto dos princípios críticos de Calímaco (VII, 45; XXVI, 29; V, 35) não parece ter participado das famigeradas polêmicas com que este se digladiava com os adversários e os pretendia esmagar sob o peso de seu prestígio, como figura proeminente da Biblioteca de Alexandria (centro cultural fundado e mantido pelos Ptolomeus, onde se desenvolvia toda a atividade científica e se abrigavam os homens de estudo). Pelo menos, se fala como um calímaqueu nos supracitados idílios, refere-se por outro

lado, a conhecidos opositores de Calímaco, com visível admiração. Calímaco chamava "invejosos" os divergentes de suas idéias, e a Asclepiades¹ conhecido como um deles, Teócrito refere-se elogiosamente (VII, 39, 40).

Mesmo tendo sido muito admirado na posteridade imediata, são poucas as fontes de informações biográficas de Teócrito de que hoje se dispõe. Isso se deve, sem dúvida, não só à inexorabilidade do tempo e aos sucessivos incêndios da Biblioteca de Alexandria, como ao maior interesse dos sábios de Bizâncio pela antiguidade clássica.

Os demais vultos da época não tiveram melhor sorte, sabendo-se deles quase nada, e de sua obra restando pouco mais que fragmentos: ironia do destino para com aqueles que tão grande preocupação tiveram em inventariar fatos, editar e reeditar obras e organizar bibliotecas.

Dois epigramas, notas esparsas de alguns escoliastas, menções do Poeta a contemporâneos é o material de um biógrafo de Teócrito atualmente.

Dos epigramas, um é a ele mesmo atribuído. Aí se diria siracusano e revelaria o nome dos pais — Praxágoras e Filina, "a ilustre Filina". Do resto, vale examinar o texto do escoliasta do verso 549 do Ibis de Ovídio, o pequeno comentário de Mounatios (gramático do tempo dos Antoninos) e a extensa relação do corpo teocriteu do bizantino Suidas.

Muito pouco, na verdade e, ainda, corre o risco de ficar mais reduzido, se for submetido a crítica severa.

A antiguidade, em geral, admira Siracusa como sua cidade natal; apenas uns poucos aceitam seu nascimento em Cós.

Quanto a isso, todavia, nos poemas, há indícios que não podem ser negligenciados: a expressão *Katà hemín* (lit. entre nós) — XI, 7, relativa a Polifemo; o trecho XXXVIII, 15, 16, 17 em que ternamente trata a roca — presente que vai enviar a Teúgnis, esposa de seu amigo Nícias,— de "nossa conterrânea".

Todas as datas da vida de Teócrito são conjecturais. O ano em que nasceu tem variado conforme a colocação de sua *acme*, que, por sua vez, tem percorrido os reinados dos Ptolomeus Sóter e Filadelfo. Um escólio ao idílio IV afirma que floresceu na 123^a olimpíada, ou seja, no ano 284, a.C., portanto um ano antes da morte de Ptolomeu Sóter. Assim, achava-se em plena maturidade quando Ptolomeu Filadelfo subiu ao trono.

Morreu por volta de 237 — outra suposição.

Fala-se em Filetas de Cós e Asclepiades como seus mestres. É possível. Ainda que verdadeira, a notícia nada acrescenta em dados cronológicos precisos. Quanto a Filetas, os fragmentos conservados de sua poesia permitem entrever-se a possibilidade de certa influência nos idílios pastorais.

As informações biográficas contidas nos idílios ou supostamente contidas, não são muitas e não oferecem cronologia exata. Nem mesmo as Talíasis, onde se costuma ver Teócrito personificado no jovem Simíquidas e que, provavelmente, rememoraram episódios por ele vividos, podem elucidar alguma data — não se poderia sequer, concluir com segurança da sua leitura, se o poema teria sido inspirado em reminiscências da juventude já longínqua, ou se é a descrição que se seguiu imediatamente a um passeio: se é um poema da juventude, maturidade, ou velhice num momento de doce recordação. Embora o tom jovial e desprezioso das afirmações leve a optar-se por uma composição juvenil, a dúvida permanece.

Dos contemporâneos a que se refere, as datas são mais desconhecidas ainda.

Quanto à sua personalidade, porém, os idílios permitem conhecer, com relativa clareza, muitos traços, com que se pode delinear o retrato moral do autor. Através dos poemas, move-se a figura de um homem alegre, sensível, simples e natural; sereno e equilibrado; infenso às intrigas e literatices do seu tempo; leal e cortês nas amizades; reverente para com os deuses e os heróis; um esteta da natureza; um amante da vida por cujos pequenos prazeres se sente atraído — e o confessa.

A notícia de que teria morrido por estrangulamento, a mandado de Hierão, tirano de Siracusa, por ter zombado do herdeiro do trono, é curiosa, mas carente de fundamento. A sátira, se a cultivou, não remanesce, conquanto figure na imensa lista dos gêneros, a que se dedicara, organizada por Suidas. Contudo, mofar de um príncipe herdeiro seria um contra-senso para quem tinha em mira a proteção real, como era o caso de Teócrito. Também faz esmaecer a crença em tal notícia o temperamento e o caráter do poeta que os poemas denotam. Além de tudo, convém esclarecer que na antiguidade era comum tal confusão de fatos biográficos, e que, segundo se diz, teriam tido o mesmo destino, com mais razão, Filoxeno de Citera e Filoxeno de Leucádia, ambos silógrafos², bem como Teodoro de Siracusa, cinedólogo³.

2 - OS IDÍLIOS

Seguindo o gosto da época que, no dizer de Calímaco, já não

comportava obras de grande alento como as epopéias homéricas, Teócrito compôs idílios, isto é, pequenos poemas (Eidýllion — diminutivo de Eidos — forma, imagem). Posteriormente a palavra tomaria o sentido de poesia contemplativa e sentimental.

Sua Musa, variada, percorre uma multidão de gêneros. É fácil determinar os epílios⁴, os mimos, os hinos, os epitalâmios, os epigramas (a que não se deve dar o sentido atual, pois significam o que indica a etimologia, inscrição sobre)⁵. Outros podem comportar mais de uma classificação por conterem características comuns a mais de um gênero (do que decorreu talvez o elenco numeroso do bizantino Suidas).

Os poemas mais conhecidos e mais ligados ao nome do Poeta são idílios bucólicos. Reproduzem a vida do pastoreio como sendo da poesia e do amor. Pertencem ao gênero mimético e neles Teócrito concentra suas qualidades extraordinárias. Há muita força e graça nessas imitações poéticas da vida pastoril. Como observa Pierron "ele elevou os modelos que teve diante dos olhos à dignidade da arte". Na verdade os pastores de Teócrito são vivos como seus modelos, movem-se, cantam, dialogam, invectivam-se, repreendem as cabras e até cheiram ao leite fresco de uma ordenha recente. Movimentam-se em grande número e se comportam segundo o seu meio e temperamento. Podem ser grosseiros ou delicados, ingênuos ou maliciosos, violentos, apaixonados, injuriosos, mas sempre a poesia ou o amor é objeto de suas conversas. Todos se consideram bons cantores, ou pelo menos, se sentem em condições de enfrentar um desafio e, também, de desafiar.

Do grupo de poemas bucólicos e talvez de todo o corpo teocriteu, *As Talísias* (Festas de Ceres) é o idílio mais famoso. Geralmente se considera autobiográfico. Costuma-se identificar Teócrito na personagem Simíquidas, que se dirige em companhia de amigos à casa de opulento senhor, onde serão celebradas festas em homenagem a Ceres. No caminho, encontram casualmente um pastor, na verdade um poeta simulado. Logo, o jovem Simíquidas, figura alegre e muito simpática, convida-o a cantar. Com graça e encantadora simplicidade, Simíquidas fala de suas habilidades como cantor, mas reconhece suas limitações e exalta poetas aos quais não ousaria enfrentar. Então se realiza um concurso poético, cena habitual entre os pastores teocriteus. Há quem veja em Simíquidas um cognome⁶ do Poeta e uma alusão a certo traço fisionômico de que seria portador — nariz chato (do grego simós), porém, parece mais um patronímico derivado de Simiché. Na verdade, tal torna nasal, mais de uma vez nos poemas, apresenta-se como causa de insucesso

no amor.

Tirsis, Os Pastores, O Cabreiro, Os Cantores Bucólicos, a Visita, outros mimos bucólicos, revelam o *modus vivendi* de pastores autênticos — vestes, cuidados, interesses, sentimentos, linguagem. Psicólogo e paisagista extraordinário, Teócrito põe as personagens muito à vontade nos cenários campestres, que por sua vez, são quadros vivos da natureza, onde nada há de vago, mas tudo muito definido: os bosques verdejantes, as rãs coaxando, o lagarto a dormir na pedra, os leitos fofos de folhagem seca, as cortinas de verdura em volta das grutas, a água que corre cristalina, e outras tantas situações descritas com singeleza e maestria. A estes poemas liga-se o **Ciclope**, cujo protagonista é Polifemo, o gigante homérico da *Odisséia*, que também ali é pastor. Não pode ser um mimo, evidentemente, sendo Polifemo um pastor bem *sui generis*, além de uma personagem mitológica. Tem sido apontado como um édio (canto de tristeza). É antes uma comédia lírica, ou simplesmente um canto de amor frustrado, a que o poeta prodigalizou pinceladas cômicas. O ciclope, aqui, sem dúvida, difere bastante do estranho hospedeiro de Ulisses. Deixou de ser o antropófago voraz, para tornar-se uma vítima de Eros, um amante infeliz. Está perdidamente apaixonado pela ninfa Galatéia, que sob as águas profundas do oceano não lhe escuta os sentidos apelos.

A atitude fanfarronesca que freqüentemente assume, acentua o caráter tragicômico do poema. Provoca o riso, mas o sofrimento em tão grotesco aspecto causa pena: a dor que exprime é sincera e não há simulação no seu desespero cujo clímax atinge quando ele oferece à longínqua Galatéia até seu tão precioso olho único. Há também momentos de comovente ternura.

Não foi Teócrito o primeiro a fazer de Polifemo um amante desventurado. Sabe-se que Filoxeno de Citera assim o pintou tendo sido provavelmente sua fonte de inspiração.

Não obstante o êxito de Teócrito como poeta bucólico, é importante lembrar que criou muitas obras primas, em diferentes gêneros.

As Siracusanas ou a Festa de Adônis é um mimo do gênero siciliano de Sófron. É a história de duas mulheres do povo, duas siracusanas que vão a Alexandria assistir à festa de Adônis. Falam o tempo todo com o desembaraço próprio do temperamento de cada uma, sobre assuntos que lhe são peculiares. Têm reações muito naturais, seja reclamando ante imprevistos nas ruas, seja admirando a beleza do que vêem no recinto da festa. O poeta — cortesão ai se apresenta e, através das personagens, elogia a promotora da festa, a Rainha.

O poema, sobre ser o mais divertido e um dos mais admirados

do conjunto, mostra a vida febricitante da mais populosa cidade da época.

Os **Dióscures** constituem um duplo hino. Celebra os dois irmãos, Pólux e Castor, em separado. É de evidente inspiração homérica. Há muito vigor na descrição dos cenários e das personagens, que se distinguem pelo nascimento, audácia e valentia. Como estas qualidades eliminam qualquer outro valor moral, o **idílio** torna-se praticamente uma apologia do direito do mais forte.

O **Epitalâmio de Helena** reconstitui o famoso gênero sáfico. Destaca-se a beleza incomparável de Helena, mas a nota dominante é o humor.

Já **Héracles** é um epílio. Retrata o herói, menino de 10 meses, a estrangular, nas tenras, ou antes, potentes mãozinhas, dois imensos dragões que Hera envia para destruí-lo. É o prognóstico das suas façanhas na idade adulta. O poema está cheio de respeito religioso. As solícitudes e cuidados de Alcmena compõem um belo quadro do amor materno.

O **Hilas** tem como tema a fatalidade do amor, a que ninguém se furta, nem se furtou o valoroso e invencível Hércules. Narrando a lenda dos Argonautas, focaliza o episódio de Hilas — de que já se ocupara Apolônio de Rodes — para mostrar os riscos de uma paixão violenta.

Em o **Amor de Cinisca**, um amante, ciumento e repudiado, dialoga com um amigo sobre suas desventuras, o que lhe sugere o plano de expatriar-se. O amigo aconselha-o a engajar-se no exército de Prolomeu, apresentado como modelo do grande soberano.

O **Bem-Amado** exalta os efeitos benéficos de uma paixão correspondida e refere a história do ateniense Díocles em cuja honra os megáricos instituíram um concurso de beijos, realizado anualmente sobre o seu túmulo. O árbitro desses beijos desperta inveja no protagonista, não obstante sua decantada felicidade amorosa.

As **Felicitas** são um poema de amor infeliz. Essencialmente erótico, descreve as aflições causadas por uma irreprimível paixão. Nesse idílio, fala o amor físico. Nele, o desejo ardente, a dor do abandono e o sentimento de vingança levam uma pobre mulher, com a ajuda da escrava, a praticar magias, usando os eflúvios da lua, a fim de reconquistar o amante insensível.

Dois poemetas, intitulados **O Jovem Amado A**, e **O Jovem Amado B**, expõem sentimentos então comuns entre os gregos. Podendo ou não significar algo de pessoal, falam em tom sincero e expressivo. O fato é que o amor é o tema predileto de Teócrito, e ele o trata com singular maestria, qualquer que seja a circunstância em que se manifeste.

Na Roca lê-se uma dedicatória gentil que acompanha uma roca — presente do Poeta para Téugnis, esposa do seu amigo Nícias. Ai bem se pode ver a polidez e delicadeza com que se conduzia nas relações de amizade.

Como corresão, Teócrito é o mesmo das demais criações do seu talento. Com efeito, *As Graças* ou *Hierão*, o *Encômio a Ptolomeu* e *A Cabeleira de Berenice* (só fragmentos) são mais que poemas circunstanciados pelo interesse de elogiar — musa pouco propícia. Expressam também sentimentos pessoais. No *Hierão*: mau grado o objetivo claro de obter favores, há muita inspiração poética. Os votos que formula pelo destino de Siracusa, revelam seu amor à Patria, e à Poesia e aos Poetas entoa um belo e significativo canto de louvor. A opinião geral é a de que *As Graças* não retornaram contentes, mas "irritadas". Hierão estaria, no momento, mais interessado em ser atendido pelo ruidoso Ares que em ouvir as graciosas divindades: ocupava-se com os trabalhos da guerra.

Dirigindo-se a Ptolomeu, "a cujo trono sua fama já chegara", como ele próprio diz no encômio, parece ter tido mais sorte. Os Ptolomeus, reis de estirpe grega nas terras do Egito, foram grandes incentivadores das letras e das artes.

Dos *Epigramas* restam oito. São votivos ou epitáficos e distinguem-se pela concisão e simplicidade do estilo.

Finalmente a *Sirinx* (Flauta de Pã) é a peça menos interessante do conjunto. Muito artificiosa. Compõe-se de vinte versos, que de dois em dois, vão se reduzindo de uma sílaba para formar graficamente a figura de uma flauta de pastor, embora maior que a comum.

Entre os alexandrinos, o culto à forma criou, dentre outras alterações, a poesia figurativa em que a disposição dos versos deveria representar o objeto neles descrito. Além da *Sirinx* atribuída a Teócrito, são conhecidos o *Altar de Besantino*; o *Ovo*, o *Machado*, as *Asas de Símiás*, etc., etc.

A *Sirinx*, de gosto muito extravagante, se autêntica, pode ter sido só um exercício literário ou jogo de espírito.

O bucolismo surge na vida literária alexandrina como reação ao excesso de cultura da época, como certa necessidade de retorno à natureza. Teócrito não foi seu criador nem o único a cultivá-lo na época.

Alguns dos nomes de seus pastores pertenciam desde muito

tempo à literatura grega. **ESTESÍCORO**, poeta lírico do séc. VI a.C. já contava a história de **Dáfnis**, o boieiro que morreu de amor.

Em Teócrito a poesia é arte amadurecida. Aqui e ali, nota-se claramente a influência, como é natural, dos grandes poetas dos períodos jônico e ático, principalmente **HOMERO**, **SAFO** e **SÓFRON**. Não há dúvida de que conheceu e admirou o poema sáfico **A Bem-Amada** que descreve as emoções provocadas pela presença da pessoa amada. A maioria dos poemas de amor de Teócrito demonstram isso.

A influência que Teócrito exerceu sobre Vergílio, entre os romanos, e André Chenier, entre os modernos, comprova o seu prestígio na posteridade.

Atualmente, apesar do quase abandono a que se relega a cultura clássica, Teócrito pode ser lido com agrado, pois seus temas prediletos — a natureza e o amor, são universais e eternos. Só alguma explicação etiológica pode desorientar o leitor desavisado.

Dórico de nascimento, ele não usou apenas a língua pátria, mas seguiu a tradição pela qual o dialeto estava ligado ao gênero literário, desde os primeiros escritores. Assim, empregou o dórico para o mimo, o eólio para os idílios eróticos, o jônio nos epílios. Os copistas devem ser responsáveis por muitos dorismos do texto, zelando pela origem dórica do Poeta.

Sua métrica varia. Faz uso freqüente do hexâmetro, que perde a rigidez.

Dentre os manuscritos que contêm os idílios e os epigramas de Teócrito destacam-se: o Ambrosiano 222(k) do século XIII; o Parisinus 2832 (N); o Vaticanus 1311 (X) do séc. XV; o Ambrosianus 74 (C) do séc. XV ou XVI; o Parasinus 2726 (D) do séc. XV. Os papiros mais recentes são o de Oxyrhynchos 694, o de Berlim 5017; o Oxyrhynchos 1618 do século V e Oxyrhyncho 1806 a que se acrescentou, de 1925 para cá, o Oxyrhyncho 2064 do fim do II século e o papiro de Antioe do V ou VI séculos.

NOTAS

- 1 Seria Asclepiades o Sikéidas do poema em apreço.
- 2 Sillos = sátira, injúria
- 3 Kinaideia = obscenidade
- 4 Diminutivo de épos

5 O epigrama é um subgênero da poesia lírica. Compunha-se de um dístico ou alguns, que se inscreviam sobre pedras, túmulos, altares etc.

6 Que se confirma no poema *Sirinx*, se merece fé sua autenticidade.

SUMMARY

Theocritus was one of the greatest greek poets, nevertheless in the time when he lived, poetry and literary creation were severely restricted by grammatical prejudices. Very little is known about his live. He was a many-sided poet. He composed idylls (little poems) pertaining to various styles. Among these idylls the pastoral ones have been more divulgated. He was influenced by the earlier greek poets, specially Homer, Sappho and Sophron. He employed the literary dialects following the tradition of the genre. Vergilius has imitated him. Only the *Sirinx*, which authenticity is doubtful, is an artificial poem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KYNASTON, H. *The idylls and epigrams attributed to Theocritus*. 5. ed. Oxford, Clarendon Press, s.d.
 LEGRAN, P.E. *Boucoliques grecs*. Paris, Belles Lettres, 1927.
 WILAMOWITZ, U. von. *Bucolici graeci*. 2.ed. Oxford, Clarendon Press, 1910.